

Ezequiel
Jocópias

14

**AS GRANDES DEPRESSÕES
(1873-1896 e 1929-1939)**

Fundamentos econômicos, consequências
geopolíticas e lições para o presente



Oswaldo Coggiola

Século XIX: do auge à crise

A partir da década de 1870, os mecanismos de ligação entre preços agrícolas e crises industriais desapareceram definitivamente. As penúrias alimentares foram substituídas pelas superproduções relativas. Tinham início as crises modernas, ordenadas por um ritmo cíclico interno próprio. Embora cada crise apresentasse características próprias, correspondentes às conjunturas particulares nas quais se inseria, de modo geral elas se faziam notar pela contração brutal da economia, pela dificuldade de escoamento da produção industrial, pela queda dos preços, pelas falências de numerosas empresas, a quebra da bolsa, o desemprego e a redução dos salários, enfim, tensões sociais.

No século XIX, a expansão mundial da produção capitalista foi ampliando o escopo e a profundidade das crises comerciais e financeiras. A crise econômica iniciada em 1873, com o craque da Bolsa de Viena, atingiu dimensões mundiais ao atingir a economia inglesa, centro indiscutido do capitalismo mundial. De imediato, o craque

"austriaco" foi seguido de falências bancárias na Áustria e depois na Alemanha; a indústria pesada alemã acabava de conhecer, devido ao esforço provocado pela guerra franco-prussiana, com a construção de estradas de ferro e de navios, uma forte ascensão, que se emperrou com a elevação dos custos e com a baixa da rentabilidade; a produção de ferro fundido caiu em 21% em 1874, e seu preço teve uma queda de 37%. O desemprego acarretou a volta de muitos novos operários industriais ao campo.

Após vinte e dois anos de prosperidade (com algumas interrupções), entre 1851 e 1873, o capitalismo conhecia uma crise de grandes proporções, sua primeira crise contemporânea, que originou uma longa depressão, até 1895. Para Maurice Dobb,

o que se tornou conhecido como Grande Depressão, iniciada em 1873, interrompida por surtos de recuperação em 1880 e 1888, e continuada até meados da década de 1890, passou a ser encarada como um divisor de águas entre dois estágios do capitalismo: aquele inicial e vigoroso, próspero e cheio de otimismo aventuroso, e o posterior, mais embaraçado, hesitante e, ditavam alguns, mostrando já as marcas de senilidade e decadência.

A crise, como vimos, originou-se na Áustria e Alemanha, que experimentava um intenso

desenvolvimento industrial devido em parte às indenizações pagas pela França pela guerra de 1871. Também os Estados Unidos sofreram violentamente seu impacto. Os altos dividendos da indústria alemã incrementaram a especulação, que se alastrou para as ferrovias e imóveis, beneficiada pela grande oferta de crédito. Porém os custos aumentaram e a rentabilidade começou a cair.

A crise em seu início foi financeira e estourou em Viena, com a quebra da Bolsa de Valores, seguido de falências de bancos de financiamento austríacos, alemães e norte-americanos. Nos Estados Unidos, a depressão esteve ligada à especulação ferroviária. A simultaneidade na aparição de dificuldades, tanto de um lado como de outro, da Mancha e do Atlântico, ilustra a integração das economias industriais em matéria comercial, e mais ainda em matéria de movimentos de capitais.

Se em 1873, a crise não teve, logo de saída, um caráter agudo na Grã-Bretanha, no entanto a prosperidade industrial se interrompeu nesse país, iniciando-se um longo período de depressão. O número de falências aumentou progressivamente na Inglaterra: de 7.490 em 1873, para 13.130 em 1879. Em 1878 muitos grandes estabelecimentos bancários decretaram a suspensão de pagamentos; as quebras bancárias, em vez de preceder à crise industrial, se produziram no decorrer da depressão. Os preços caíram, as exportações inglesas se reduziram em 25%

entre 1872 e 1879, o desemprego cresceu de modo inédito no país pioneiro da Revolução Industrial.

Depois de forte crescimento e abertura comercial de suas economias, nas décadas de 1850 e 1860, a Europa conheceu então um período de depressão econômica, a partir de meados da década de 1870: uma "depressão de preços, de juros e de lucros", na expressão do economista neoclássico Alfred Marshall. A intensidade da crise seria proporcional ao eufórico crescimento precedente. Segundo Engels,

a Bolsa modifica a distribuição no sentido da centralização, acelera enormemente a concentração de capitais e, nesse sentido, é tão revolucionária quanto a máquina a vapor. A ausência de crises a partir de 1868 baseia-se na extensão do mercado mundial, que redistribui o capital supérfluo inglês e europeu em investimentos e circulação no mundo todo em diversos ramos de inversão. Por isso uma crise por superespeculação nas estradas de ferro, bancos, ou em investimentos especiais na América ou nos negócios da Índia seria impossível, enquanto crises pequenas, como a da Argentina, de três anos a esta parte viraram possíveis. Mas isto tudo demonstra que se prepara uma crise gigantesca.

Nas crises precedentes, o sinal mais espetacular era dado pela Bolsa de Valores (desabamento dos

preços das ações, pânico) ou pelos bancos (falência de um grande estabelecimento ou falências em cadeia).

Na base do fenômeno, uma lógica aparente: os custos se elevavam (pela alta dos salários, ou por aumento dos preços dos trilhos para as estradas de ferro americanas), os mercados de venda se reduziam (diminuição do poder de compra rural e daquele dos trabalhadores de outros setores, redução dos investimentos públicos, dificuldades nos mercados estrangeiros), os preços de venda baixavam (concorrência nos preços, guerra de tarifas nas estradas de ferro norte-americanas); a rentabilidade declinava ou caía brutalmente, a realização do valor produzido por cada empresa se tornava mais difícil, a concorrência ficava acirrada, a situação das empresas se tornava cada vez mais precária. Assim, tudo podia desencadear a crise: um rumor na bolsa, um mercado perdido, uma empresa ou um banco que interrompia os pagamentos, bastavam para deflagrar a engrenagem incontrolável. Mas a "falsa" apenas deflagrava o fenômeno profundo, determinado pela sobreprodução e pela queda tendencial da taxa de lucro.

Segundo a expressão de Marx, no livro III d'O *Capital*, acumulação-sobreprodução e queda tendencial da taxa de lucro eram duas faces da mesma moeda ou

queda da taxa de lucro e aceleração da acumulação são só expressões diversas de um mesmo processo,

ambos indicando o desenvolvimento da força produtiva. A acumulação acelera a queda da taxa de lucro, ao causar a concentração do trabalho em grande escala e, em consequência, uma composição superior do capital. Por outro lado, a diminuição da taxa de lucro acelera a concentração de capital, sua centralização via expropriação dos pequenos capitalistas, dos produtores diretos sobreviventes que conservem alguma coisa a ser expropriada. A acumulação como massa se acelera, enquanto a taxa de acumulação diminui junto à taxa de lucro.¹

1 A vinculação orgânica da queda tendencial da taxa de lucro, a sobreprodução, e a crise, se encontra exposta de maneira mais clara e desenvolvida no próprio *Capital*, e derivada da lei geral da acumulação do capital: "A diminuição do capital variável em relação ao capital constante, determina uma composição orgânica crescente do capital total, resultando daí que quer o grau de exploração do trabalho permaneça inalterável, quer aumente, a taxa da mais-valia se exprime numa taxa geral de lucro sempre decrescente (manifesta-se de uma forma tendencial e não absoluta). A tendência permanente para a diminuição da taxa geral do lucro é apenas a expressão do desenvolvimento progressivo da produtividade social do trabalho, expressão que corresponde ao modo de produção capitalista(...). Uma mesma taxa de mais-valia, mantendo-se inalterável o grau de exploração do trabalho, exprime-se numa taxa de lucro decrescente, porque o aumento das dimensões materiais do capital constante é acompanhado por um aumento do valor deste último e, por conseguinte, embora não nas mesmas

proporções, também do capital social. Se se admitir que esta modificação gradual, na composição do capital se efetua não só em alguns ramos da produção, mas em quase todos, ou pelo menos nas esferas determinantes da produção, que deste modo equivale a uma modificação da composição orgânica média do capital total pertencente a uma determinada sociedade, semelhante crescimento progressivo do capital constante relativamente ao capital variável, tem, como consequência inevitável, uma diminuição gradual da taxa geral do lucro, se a taxa de mais-valia ou o grau de exploração do trabalho pelo capital se mantiver invariável. (...) As crises apresentam-nos sempre uma solução temporária e violenta das condições existentes, das explosões violentas que restabelecem por um instante o equilíbrio perturbado (...). A contração pode exprimir-se sob a sua forma mais geral da seguinte maneira: o modo de produção do capital tem tendências a desenvolver de uma forma absoluta as forças produtivas, independentemente do valor da mais-valia que este último contém, independentemente das relações sociais dentro das quais a produção capitalista se efetua. Enquanto, por um lado, pôde como finalidade a conservação do valor capital existente e o seu máximo crescimento possível (isto é, o aumento cada vez mais rápido desse valor). A característica específica deste modo de produção é o fato de se servir do valor capital existente como de um meio para aumentar esse valor ao máximo. Os métodos gregas aos quais chega a este resultado acarretam a diminuição da taxa de lucro, a depreciação do capital existente e o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho à custa das forças produtivas já produzidas*.

A baixa dos preços já era conhecida, acompanhando a compressão e a redução da produção. Mas essa baixa constituiu uma tendência pesada no decorrer desses pouco mais de vinte anos; assim, de 1873 a 1896, a baixa dos preços de atacado foi de 32% na Grã-Bretanha, de 40% na Alemanha, de 43% na França e de 45 % nos Estados Unidos. Esse movimento envolveu mais alguns produtos, como o preço do ferro fundido, que caiu em 60% entre 1872 e 1886. Houve também o crescimento do desemprego: na Grã-Bretanha, a taxa de desemprego se elevou brutalemente, de 1 % em 1872 para mais de 11% em 1879 (medida considerando só o universo de operários sindicalizados atingidos, ou seja, o desemprego real era bem maior). Nos salários reais, houve uma tendência à baixa nos setores atingidos pela crise. De modo inesperado, a crise evidenciou uma grave sobreprodução de mercadorias e de capitais nas economias capitalistas, em relação ao mercado mundial da época. A ampliação, intensiva e extensiva, desse mercado, colocou-se como um imperativo: ela não seria atingida, no entanto, de modo pacífico e harmonioso, mas a través da concorrência econômica, de contradições políticas e de enfrentamentos bélicos.

Entou-se de modo acelerado em uma nova era tecnológica, determinada, não pelas invenções e métodos da primeira Revolução Industrial, mas por novos ramos industriais. Surgiram novas fontes

de energia (eletricidade e petróleo, turbinas, motor a explosão), uma nova maquinaria baseada em novos materiais (ferro, ligas, metais não-ferrosos), indústrias baseadas em novas ciências, como a química orgânica. E também numa era de mercado de consumo doméstico, iniciada nos EUA, e desenvolvida pela crescente renda das massas trabalhadoras, potenciada pelo substancial aumento demográfico dos países desenvolvidos. De 1870 a 1910, a população de Europa cresceu de 290 para 435 milhões, a dos EUA de 38,5 para 92 milhões. Surgiu o período da produção de massa, incluindo alguns bens de consumo duráveis.

A "depressão do comércio" foi, certamente, universal, mas foi uma queda de seu crescimento, não um retrocesso. A produção mundial, longe de estagnar, continuou a aumentar. Entre 1870 e 1890, a produção de ferro dos cinco principais países produtores mais do que duplicou (de 11 para 23 milhões de toneladas); a produção de aço, que agora passava a ser o indicador adequado da industrialização, multiplicou-se por vinte (de 500 mil para 11 milhões de toneladas). O crescimento do comércio internacional continuou a ser impressionante, embora a taxas menos vertiginosas que antes. Foi exatamente nessas décadas que as economias industriais americana e alemã avançaram a passos agigantados, e que a revolução industrial se estendeu a novos países, como a Suécia e a Rússia. Muitos dos países ultramarinos recentemente integrados à economia mundial conheceram um surto de

desenvolvimento. Nas palavras de Hobswam, "o que estava em questão não era a produção, mas a sua lucratividade".

A era liberal tinha sido a do monopólio industrial inglês, dentro do qual os lucros eram garantidos pela competição de pequenas e médias empresas. A era "pós-liberal" caracterizou-se por uma competição internacional entre economias industriais nacionais rivais — a inglesa, a alemã, a norte-americana; uma competição acirrada pelas dificuldades que as firmas dentro de cada um destes países enfrentavam (no período da depressão) para fazer lucros adequados. A competição levava à concentração econômica e ao controle do mercado. O crescimento econômico era agora também luta econômica. O otimismo acerca de um futuro de progresso infinito dava lugar à incerteza. Tudo isto fortalecia e por seu turno era fortalecido pelas crescentes rivalidades políticas, as duas formas de competição fundindo-se na luta por territórios e na caça de "esferas de influência", que foi chamada de *imperialismo*.

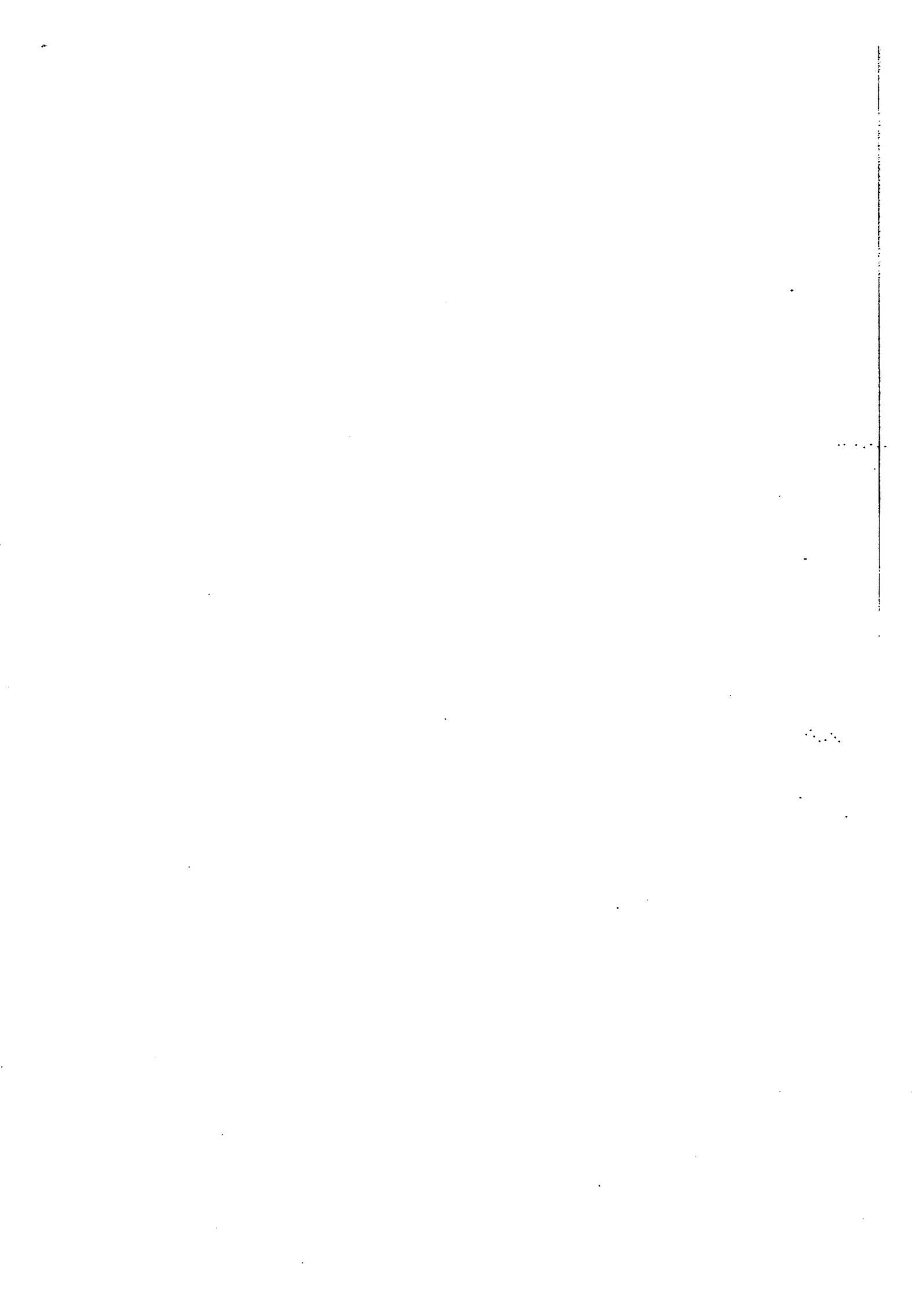
A nova estrutura da organização econômica foi, depois, denominada de "capitalismo monopolista". A crise abriu espaço para a crescente monopolização das economias nacionais, e permitiu a intensificação da expansão imperialista, acirrando a tensão entre as grandes potências capitalistas. Os limites do liberalismo econômico apareceram definitivamente. A teoria do *laissez-faire* triunfou enquanto perduravam

as condições históricas favoráveis à adoção de uma política e uma economia liberais. Na Grã-Bretanha de meados do século XIX, mais do que em qualquer outro país do mundo, essas condições se fizeram presentes, até que a Grande Depressão dos anos 1873-1896 a atingiu, como havia alcançado todos os demais países ou colônias integrantes do sistema econômico capitalista. A expansão geográfica do capital e a exploração dos mercados externos, dando início ao imperialismo capitalista, foi a solução encontrada pela Europa para a crise.

A rivalidade levou às potências a dividir o globo entre reservas formais ou informais para seus próprios negócios, mercados e exportações de capital, processo também devido à crescente não-disponibilidade de matérias-primas na maioria dos próprios países desenvolvidos. As novas indústrias demandavam petróleo, borracha, metais não-ferrosos. A nova economia de consumo demandava quantidades crescentes não apenas de matérias primas produzidas nos países desenvolvidos, mas também daquelas que não podia produzir.

O neo-colonialismo

Além de uma tendência para o protecionismo econômico (com a exceção, importante, da Grã-Bretanha, para a qual o livre-câmbio continuava a ser a arma de sua hegemonia econômica, baseada na sua



superioridade industrial) desenvolveu-se um novo surto de conquista colonial, em direção da África. A conexão entre esses fenômenos deu-lhe um tempo para ser estabelecida. Na década de 1890, Friedrich Engels, no prólogo à primeira edição dos volumes II e III d'O *Capital*, procurou situá-los no contexto do desenvolvimento histórico geral do capitalismo: "A colonização é hoje uma efetiva filial da Bolsa, no interesse da qual as potências europeias partilharam a África, entregue diretamente como botim às suas companhias". Ou seja, não era uma colonização como as anteriores. O seu ritmo de expansão (560 mil km² por ano) também não tinha precedente.

Em carta a Kautsky, Engels sublinhou a necessidade de "identificar na conquista colonial o interesse da especulação na Bolsa". Com uma conclusão central: "É ainda a magnífica ironia da História: a produção capitalista só resta agora conquistar a China, e quando finalmente o realizar, tornar-se impossível fazê-lo na sua própria pátria".

O ministro francês Jules Ferry, em seu livro *La Tonkin et la Mère Patrie*, de 1890, escreveu:

Um movimento irresistível se apoderou das grandes potências europeias por conquistar novos territórios. Foi como uma imensa carreira de obstáculos na rota para o desconhecido. Esta *course au clocher* tem apenas cinco anos e se movimenta por inércia de um ano para outro.

Já em 1884, Charles Faure tinha usado o termo, comentando a Conferência de Berlim (que estabeleceu acordos para a partilha da África entre as potências):

O movimento tomou o caráter de uma verdadeira *course au clocher*. Parece que o vencedor será aquele que primeiro chegar e hasteie a bandeira de seu país em qualquer lugar da costa da África que ainda não esteja sob a dominação de uma nação europeia.

O colonialismo do século XIX foi impulsionado pela ideologia de que cabia aos europeus cumprir uma missão civilizadora na África, missão que seria, na expressão do poeta e romancista inglês Rudyard Kipling — partidário fervoroso do imperialismo vitoriano —, o "fardo do homem branco". Foram estes "ideais" que levaram, por exemplo, Cecil Rhodes a iniciar o saque dos diamantes da Namíbia e da África do Sul, principal fonte de sustento do monopólio fundado por ele, a De Beers, e a Anglo American. De fato, a África fora o grande teatro da expansão colonial (na América, as possessões coloniais até diminuíram):

Percentual de território pertencente às
potências europeias e aos EUA

	1876	1900	Diferença
África	10,8%	90,4%	79,6%
Polinésia	56,8%	98,9%	42,1%
Ásia	51,5%	56,6%	5,1%
Austrália	100%	100%	-
América	27,5%	27,2%	0,3%

Nas décadas finais do século XIX, o capital vinculou a conquista colonial com a especulação financeira e com o novo papel da Bolsa. A expansão do mercado mundial, na segunda metade do século XIX, deu vazão ao capital supérfluo inglês, em investimentos e circulação em diversos ramos de inversão. O uso do termo *imperialismo* tornou-se corrente no último quartel do século XIX, para descrever a partilha do "mundo colonial" pelas potências europeias.

A base desse processo era a maturidade atingida pelo capitalismo metropolitano. Em finais do século XIX, o capitalismo se afirmou como modo de produção dominante, destruindo as formas pré-capitalistas, em diversos países europeus, de modo desigual. O capital penetrou também países com escasso desenvolvimento industrial, mas que conservaram sua soberania nacional (a já mencionada Rússia, ou a maior parte

da América Latina), mas também territórios -- na Ásia e na África, principalmente -- que se transformariam em colônias. Finalmente, penetrou territórios vazios, ou esvaziados (através de genocídios) nas Américas. Sobre a base do desenvolvimento do comércio mundial (cujo volume decuplicou entre 1848 e 1914) o movimento foi desigual e contraditório: nos países avançados a indústria avançou, sobretudo a pesada; os países se urbanizaram, a renda nacional progrediu, assim como a percentagem dos trabalhadores industriais. Nos outros países houve também "modernização", mas em ritmo mais lento, aumentando a sua distância econômica em relação aos países adiantados, havendo, em alguns casos, estagnação, e até regressão. O violento movimento de recolonização do planeta permitiu ao capitalismo (europeu, em primeiro lugar) sair da "grande depressão"?

2 Não é por acaso que, no campo teórico, o debate acerca dos esquemas da reprodução ampliada de Marx, a questão da crise e a questão do imperialismo se confundissem num único debate, pois, embora separados, estavam todos referidos a um único problema; ou, como foi lamentado por Rosa Luxemburgo: "A legalidade da reprodução em escala ampliada e o fenômeno das crises estão separados na obra que Marx nos deixou, e separados também, para grande prejuízo do assunto, nos autores marxistas que o defendem ou o atacam". Para além dessa razão teórica, existiam também razões de ordem histórica, que determinaram que o debate marxista corresse paralelo ao novo interesse da teoria econômica pelo fenômeno do ciclo. Dois movimentos paralelos se produziram: o surgimento

Mas o "remédio" ampliava as contradições em escala inédita. A expansão mundial do capital tinha um efeito deletério sobre a troca comercial entre o berço histórico do capitalismo e as regiões periféricas, fator de estabilidade da Europa, assim como sobre a

da teoria revisionista de Bernstein, por volta de 1896, no campo socialista, e no campo oposto, o surgimento de teorias sobre o imperialismo (o livro do liberal inglês John Hobson foi publicado em 1902), e sobre a crise, explicada pelo excesso de investimento no pré-keynesiano Spiethoff, ou pelo subconsumo em Hobson, que terão grande influência no pensamento marxista. Do ponto de vista político, a figura mais significativa foi a de Eduard Bernstein, que vinha publicando artigos na *Neue Zeit* desde 1896, dando forma definitiva ao "revisionismo", com a publicação, em inícios de 1899, dos *Pressupostos do Socialismo e as Tarefas da Socialdemocracia*. Partindo da afirmação de Marx no livro III do *Capital* (a última causa de todas as crises continua sendo sempre a pobreza e o consumo limitado por parte das massas, em comparação com a tendência da produção capitalista de desenvolver as forças produtivas de tal modo que somente o poder absoluto de consumo de toda a sociedade seja seu limite), Bernstein fez de Marx um partidário tardio da teoria do subconsumo de Rodbertus, considerando-o inadequado para o novo capitalismo, no qual fenômenos de depressão local e parcial são inevitáveis: não uma queda geral, dada a organização e extensão do mercado internacional, e principalmente a expansão da produção de meios de subsistência.

possibilidade de que a Rússia e a América jogassem o papel de gendarme da reação internacional.

Marx e Engels assim escreviam no prefácio à primeira edição russa do *Manifesto Comunista* (de 1882):

Foi a imigração europeia que possibilitou à América do Norte a produção agrícola em proporções gigantescas, cuja concorrência está abalando os aliceres da propriedade rural europeia - a grande como a pequena. Ao mesmo tempo, deu aos Estados Unidos a oportunidade de explorar seus imensos recursos industriais, com tal energia e em tais proporções que, dentro em breve, arruinarão o monopólio industrial da Europa ocidental, especialmente o da Inglaterra. Essas duas circunstâncias repercutem de maneira revolucionária na própria América do Norte. Pouco a pouco, a pequena e a média propriedade rural, a base do regime político em sua totalidade, sucumbe diante da competição das fazendas gigantescas; ao mesmo tempo formam-se, pela primeira vez nas regiões industriais, um numeroso proletariado e uma concentração fabulosa de capitais. E a Rússia? Durante a revolução de 1848-49, os príncipes e a burguesia europeus viam na intervenção russa a única maneira de escapar do proletariado que despertava. O czar foi proclamado chefe da reação europeia. Hoje ele é, em Catânia, prisioneiro de guerra da revolução e a Rússia forma a vanguarda da ação revolucionária na Europa.

Para Nikolai Bukharin, o imperialismo era "a reprodução ampliada da concorrência capitalista":

não é pelo fato de constituir a época do capitalismo financeiro um fenômeno historicamente limitado que se pode, entretanto, concluir que ela tenha surgido como um *deus ex machina*. Na realidade, ela é a sequência histórica da época do capital industrial, da mesma forma que esta última representa a continuidade da fase comercial capitalista. Esta é a razão por que as contradições fundamentais do capitalismo — que, com seu desenvolvimento, se reproduzem em ritmo crescente — encontram, em nossa época, expressão particularmente violenta.

Na virada para o século XX, mais da metade da superfície terrestre, e mais de um terço da população do planeta, se encontrava nas colônias:

País	Superfície (em milhões de milhas quadradas)	População (em milhões)	Superfície (em milhões de milhas quadradas)	População (em milhões)	Anos
Inglaterra	?	126,4	0,02	0,5	1815-1830
	2,5	145,1	0,2	3,4	1860
França	7,7	267,9	3,4	7,5	1880
	9,3	309,0	7,5	56,4	1899
Alemanha	—	—	—	—	1815-1830
	14,7	—	—	—	1899

[Este quadro, e os que seguem, foram extraídos de *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*, de V. I. Lenin]

Dimensão das possessões coloniais

	Colônias				Metrópoles		Total	
	1876		1914		1914		1914	
	Km2	Hab.	Km2	Hab.	Km2	Hab.	Km2	Hab.
Inglaterra	22,5	251,9	33,5	393,5	0,3	46,5	33,8	440,0
Rússia	17,0	15,9	17,4	33,2	5,4	136,2	22,8	169,4
França	0,9	6,0	10,6	55,5	0,5	9,6	11,1	95,1
Alemanha	-	-	2,9	12,3	0,5	64,9	3,4	77,2
Estados Unidos	-	-	0,3	0,39,7	9,4	97,0	9,7	106,7
Japão	-	-	0,3	19,2	0,4	53,0	0,7	72,2
Total para as seis grandes potências	40,4	273,8	65,0	523,4	16,5	437,2	81,5	960,6
Colônias de outras potências (Bélgica, Holanda, etc.)							9,9	45,3
Outros países							14,5	361,2
Total na Terra							133,9	1.657,0

Possessões coloniais das grandes potências (em milhões de quilômetros quadrados e de habitantes)

Sintetizando: 56% da superfície do planeta (75 milhões de quilômetros quadrados, para um total de 134 milhões) estava colonizado por potências cuja superfície (16,5 milhões de quilômetros quadrados) mal ultrapassava 12% do total das terras emergidas, isto pese às potências incluírem dois países de dimensões continentais (os EUA e Rússia). Nos territórios diretamente colonizados habiava mais de 34% da população da Terra, não incluindo a população das chamadas semi-colônias (China, Argentina, ou Brasil, por exemplo).

As bases econômicas do imperialismo

Eric J. Hobsbawm sintetizou assim o processo:

Entre 1876 e 1915, cerca de um quarto da superfície continental do globo foi distribuído ou redistribuído, como colônia, entre meia dúzia de Estados. A Grã-Bretanha aumentou seus territórios em cerca de dez milhões de quilômetros quadrados, a França em cerca de nove, a Alemanha conquistou mais de dois milhões e meio, a Bélgica e a Itália pouco menos que essa extensão cada uma. Os EUA conquistaram cerca de 250 mil, principalmente da Espanha, o Japão algo em torno da mesma quantidade às custas da China, da Rússia e

da Coreia. As antigas colônias africanas de Portugal se ampliaram em cerca de 750 mil quilômetros quadrados; a Espanha, mesmo sendo uma perdedora líquida (para os EUA), ainda conseguiu tomar alguns territórios pedregosos no Marrocos e no Saara ocidental. O crescimento da Rússia imperial é mais difícil de avaliar, pois todo ele se deu em territórios adjacentes e constituiu o prosseguimento de alguns séculos de expansão territorial do Estado czarista; ademais, a Rússia perdeu algum território para o Japão. Dentre os principais impérios coloniais, apenas o holandês não conseguiu, ou não quis, adquirir novos territórios, salvo por meio da extensão de seu controle efetivo às ilhas indonésias, que há muito "possuía" formalmente. Dentre os menores, a Suécia liquidou a única colônia que lhe restava, uma ilha das Índias Ocidentais, vendendo-a à França, e a Dinamarca estava prestes a fazer o mesmo, conservando apenas a Islândia e a Groenlândia como territórios dependentes.

Dentro da Europa, o velho monopólio industrial da Inglaterra enfraqueceu no último quartel do século XIX, pois outros países metropolitanos, por meio de políticas alfandegárias protecionistas, tinham-se transformado em Estados capitalistas independentes que concorriam vantajosamente com Inglaterra nos ramos de produção mais importantes.³

3 Vejamos alguns exemplos: o carvão, principal fonte de energia, tinha um rendimento anual de 900kg/trabalhador

As exportações da periferia acompanharam essa tendência: em 1860, metade do total das exportações da Ásia, África e América Latina se dirigiu a um só país, a Grã-Bretanha. Por volta de 1900, a participação britânica nas exportações desses continentes caiu para um quarto do total, e as exportações periféricas para

na França, 1100 na Inglaterra, 1200 na Alemanha e... 3800 nos EUA. A produção mundial de carvão era de 1215 milhões de toneladas em 1913 (contra 240 em 1870), 82% dos quais extraídos pelos EUA, Inglaterra e Alemanha. A produção de petróleo, por sua vez, central a partir da invenção do motor a explosão, passou de 700 mil toneladas em 1871 para 20 milhões em 1900, 52 milhões em 1913. A indústria metropolitana modificou a sua fisionomia, deslocando para a periferia os setores menos intensivos em capital: Europa só produzia 47% dos têxteis que consumia, importando o restante das colônias e semi-colônias. A indústria química progrediu com a invenção do plástico, da nitroglicerina e das indústrias sintéticas: seus centros eram os EUA e a Alemanha. A metalúrgica era a indústria principal: 500 mil toneladas de aço foram produzidas em 1875, 74 milhões em 1913; 13 toneladas foi a produção de alumínio em 1885, 65 mil em 1913. A agricultura se transformou em função do progresso industrial, de modo desigual, pois o rendimento era muito maior nos países em que se industrializou e se praticou a especialização das terras. As comunicações terrestres experimentaram também uma explosão, com 209 mil quilômetros de estradas de ferro em 1870, e mais de um milhão em 1913. As estradas experimentaram crescimento semelhante, especialmente nos EUA, com a produção industrial do automóvel.

outros países da Europa ocidental já superavam as destinadas à Grã-Bretanha (totalizando 31%, contra os 25% britânicos). No limiar do século XX assistimos também à formação de uniões monopolistas de capitalistas em todos os países de capitalismo desenvolvido; e ao crescente monopólio mundial de uns poucos países ricos, nos quais a acumulação do capital alcançara proporções gigantescas. Constituiu-se um enorme "excedente de capital" nos países avançados. Num opúsculo famoso, publicado em 1916, Lenin sintetizou:

O que caracterizava o velho capitalismo, no qual dominava plenamente a livre concorrência, era a exportação de mercadorias. O que caracteriza o capitalismo moderno, no qual impera o monopólio, é a exportação de capital.

Entre 1848 e 1875, as exportações (demercadorias) europeias tinham mais que quadruplicado, ao passo que entre 1875 e 1914, elas "s6" duplicaram.

O capitalismo gerara uma "goupança excedente", as oportunidades de investimento ficaram mais raras nos países capitalistas, surgindo três alternativas para superar a depressão dos negócios decorrente: 1) Aumentar os salários reais para ampliar o mercado interno, fazendo cair ainda mais a taxa de lucro;

2) Manter os salários iguais e canalizar toda a acumulação para o progresso técnico, aumentando

a parte constante do capital.³ Investir no exterior, onde a taxa de lucro do capital era maior. A terceira alternativa era a "melhor" para os capitais excedentes nas metrópoles: investir em espaços econômicos vazios, mão de obra e matérias primas baratas e em abundância.⁴ Marx já chegara à conclusão de que se

4 Para Rosa Luxemburgo, a acumulação de capital era impossível num sistema fechado, e no âmbito do problema estaria a questão da mais-valia. Para ela, o valor de todas as mercadorias e, portanto, do capital social (Katz) consiste no capital constante mais o capital variável mais a mais-valia. O capital constante é realizado através das compras de reposição dos próprios capitalistas; o capital variável é realizado através dos gastos que os operários fazem de seus salários; até aí tudo claro. Mas o que ocorre com a mais-valia? Uma parte é adquirida pelo capitalista para seu consumo, outra parte ele deseja acumular, e nisso está a dificuldade: onde está a procura pela mais-valia acumulada? Os capitalistas certamente não podem realizar a mais-valia que desejam acumular vendendo-a aos trabalhadores, pois estes já esgotam seus salários na realização do capital variável. Não podem vendê-la a si mesmos, para consumo, porque estariam de volta à reprodução simples. Quem então pode ser o receptor do ou consumidor da porção social das mercadorias, cuja venda é um pré-requisito necessário da acumulação de capital? A conclusão, de Rosa Luxemburgo foi que a realização da mais-valia só era possível na medida em que se abrissem ao modo de produção capitalista mercados não capitalistas. Com boa parte do globo ainda fora do sistema capitalista, a crise final só poderia acontecer num futuro indeterminado. Isto

produzia um movimento de capitais desde os países mais adiantados até os mais atrasados, em busca de taxas de lucro superiores. Criava-se uma taxa de lucro média internacional, na qual as taxas de lucro dos países ricos estão abaixo da média internacional e a dos pobres, acima, o que era a base do super-benefício dos monopólios.

Para Lênin, o capital monopolista expressava as leis básicas de movimento de capital em condições históricas concretas:

Essa mudança é devida ao desenvolvimento, ampliação e extensão das tendências mais profundas e essenciais do capitalismo e da produção mercantil em geral. As trocas comerciais crescem, apodujão-se. Estas tendências marcantes foram observadas ao longo dos séculos no

não significa que Rosa propusesse uma espera passiva do colapso, pois, segundo ela, quanto mais violentamente o capital — através de métodos militares no mundo exterior, e também internamente — afasta os elementos não-capitalistas e deprime as condições de vida de toda a classe trabalhadora, tanto mais a história diária da acumulação de capital no cenário mundial se transforma numa cadeia contínua de catástrofes sociais e políticas e de convulsões que, juntamente com catástrofes econômicas periódicas na forma de crises, tornam impossível a continuação da acumulação e fazem necessária a rebelião da classe operária internacional contra o domínio do capital, antes mesmo que este se choque contra as barreiras econômicas por ele mesmo criadas.

mundo todo. Ora, em certo nível de desenvolvimento das trocas, em certo grau de desenvolvimento da grande produção, atingido mais ou menos na virada para o século XX, o movimento comercial determinou uma internacionalização das relações econômicas e do capital, a grande produção adquiriu proporções tais que os monopólios substituíram a livre concorrência.

A tendência do movimento do capital foi definida pela diferença da taxa de lucro de região para região, de país para país. Até que, finalmente, a partilha econômica e política do mundo completou-se, incluindo as últimas zonas não ocupadas. Começou então a luta pela sua redistribuição entre as associações monopolistas e seus Estados, na procura de novos mercados e fontes de matérias primas:

As etapas de repartição pacífica são sucedidas pelo impasse em que nada resta para distribuir. Os monopólios e seus Estados procedem então a uma repartição pela força. As guerras mundiais imperialistas se transformam em uma componente orgânica do imperialismo.

O e de Rosa

Para que isso acontecesse, foi necessária uma fusão inédita entre o capital (monopolista), o interesse privado, e o Estado, suposto representante do interesse público, subordinando o segundo ao primeiro, transformando qualitativamente a função do Estado, num processo em que a aparência invertia a essência, pois se manifestava

como "estatização da vida social": o Estado absorvendo as funções antigamente desempenhadas de modo independente pela "sociedade civil", transformando-se num monstro multitenacular, processo que foi estudado por Nikolai Bukhárin em *O Imperialismo e a Economia Mundial* (onde o teórico bolchevique usou a imagem do "novo Leviatã" para referir-se ao Estado imperialista).

John A. Hobson, economista liberal inglês, disse em livro seminal (*O Imperialismo*) publicado em 1902:

Nação atrás de nação entra na máquina econômica e adota métodos avançados industriais e, com isso, se torna mais e mais difícil para seus produtores e mercadores venderem com lucro seus produtos. Aumenta a tentação de que pressionem seus governos para lhes conseguir a dominação de algum Estado subdesenvolvido distante. Em toda parte, há excesso de produção, excesso de capital à procura de investimento lucrativo. Todos os homens de negócios reconhecem que a produtividade em seus países excede a capacidade de absorção do consumidor nacional, assim como há capital sobrando que precisa encontrar investimento remunerativo além-fronteiras. São essas condições econômicas que geram o imperialismo.

Hobson aplicou a teoria de Sisoni à questão do imperialismo. A demanda de bens de consumo caía relativamente, em função da distribuição desigual da renda líquida e da acumulação crescente

de capital, que incrementara a oferta de mercadorias em proporção muito maior que o crescimento, bem mais modesto, da demanda agregada. Parte do lucro acumulado não podia ser reinvestida, resultando imprudente, fazendo cair a taxa de expansão do capital e, sobretudo, a taxa média de lucro (ou retorno do investimento). Para fazer frente à superprodução derivada do consumo insuficiente, fazia-se necessária a conquista de mercados externos, o que explicava a expansão imperialista.⁵ Em 1885, os quatro maiores investidores mundiais -- Grã-Bretanha, França, Alemanha e Estados Unidos -- haviam colocado no exterior 2.681 milhões de libras esterlinas. Em 1914, essa cifra já era de 7.659 milhões. Ainda considerado em cifras estimadas, o crescimento do investimento externo foi espantoso.

Capital investido no estrangeiro (em bilhões de francos)

Anos	Inglaterra	França	Alemanha
1862	3,6	-	-
1872	15	10	-
1882	22	15	?
1893	42	20	?
1902	62	27-37	12,5
1914	75-100	60	44

5 Hobson era também favorável à intervenção estatal, sobretudo no que dizia respeito à adoção de medidas que viessem a estimular o consumo.

Em 1915, calculava-se em 40 bilhões de dólares (ou 200 bilhões de francos), os capitais exportados pela Inglaterra, Alemanha, França, Bélgica e Holanda. Num relatório do consul austro-húngaro em São Paulo, lia-se:

A construção das estradas de ferro brasileiras realiza-se, na sua maior parte, com capitais franceses, belgas, britânicos e alemães; os referidos países, ao efetuarem-se as operações financeiras relacionadas com a construção, reservam-se as encomendas de materiais de construção ferroviária.

O novo capital financeiro estendia assim as suas redes em todos os países do mundo, desempenhando um papel importante os bancos, bem como suas filiais "coloniais".⁶ Diversamente do passado, os investimentos externos intraeuropeus perdiam terreno diante dos investimentos nas regiões periféricas ou no mundo colonial: por volta de 1850, Europa e os EUA ainda recebiam cerca de metade das exportações de capital inglês, mas, entre 1860 e 1890, os investimentos externos para Europa caíram sensivelmente (de 25% para 8%); os investimentos

6 A Inglaterra tinha em 1904 um total de 50 bancos coloniais com 2279 filiais (em 1910 eram 72 bancos com 5449 filiais); a França tinha 20 com 136 filiais; a Holanda possuía 16 com 68; enquanto a Alemanha tinha 13, com 70 filiais.

diretos para os EUA passaram a declinar até sofrerem uma brusca queda durante a guerra (quando passaram de 19% para 5,5% dos investimentos externos britânicos; Inglaterra ainda era a principal investidora mundial).

Distribuição dos capitais investidos no estrangeiro (1910: em bilhões de marcos)

	Inglaterra	França	Alemanha	Total
Europa	4	23	18	55
América	37	4	10	51
Ásia, África e Austrália	29	8	7	44
Total	70	35	35	140

Hobson explicou as "contradições do imperialismo" a partir das "recorrentes crises do capitalismo, quando a superprodução se manifesta nas principais indústrias". Hobson não escondeu que o novo imperialismo capitalista, apesar de ser um "mau negócio para a nação", era um bom negócio para certas classes, cujos "bem organizados interesses de negócios são capazes de sufocar o débil e difuso interesse da comunidade" e de "usar os recursos nacionais para seus lucros privados". Por outro lado, Hobson assinalava que "os termos credor e devedor, aplicados aos países, mascararam

a principal característica deste imperialismo. Já que se as dívidas são públicas, o crédito é quase sempre privado". Dentro da classe capitalista tendia a predominar a figura do rentier (que o marxista russo Bukhárin analisou na sua obra *A Economia Política do Rentista*) desvinculado da produção; o capital financeiro passava a comportar-se como um prestamista e, finalmente, como um agente internacional, criando um sistema internacional de dívidas cada vez maior.

Hobson via por trás dessas classes o grande "capital cosmopolita", em primeiro lugar a indústria pesada, direta e indiretamente interessada nos gastos de armamento: "O imperialismo agressivo, que custa caro ao contribuinte, é fonte de grandes lucros para o investidor que não encontra no interior um emprego lucrativo para o seu capital". Leva a que "mabados demagogos políticos controlem a imprensa, as escolas e se necessário as igrejas, para impor o capitalismo às massas". Hobson conhecia as raízes profundas do imperialismo, "cuja essência consiste no desenvolvimento dos mercados para o investimento e não para o comércio", e não em "missões de civilização" ou "manifestações de destino".⁷

A monopolização industrial mudou a composição e a organização da classe operária, assim como a sua

⁷ As tiradas do ex presidente dos EUA, George W. Bush, e consortes, no sentido de exportar a civilização democrática são, portanto, bem velhas.

composição política. A organização do movimento operário acompanhou, rápida ou tardiamente, a concentração econômica. Os sindicatos formados na expansão do fim da década de 1880 recrutaram trabalhadores de todos os graus de habilitação, e adotaram numerosas formas de organização. Muitos sindicatos se fundiram para formar "sindicatos gigantes" (dois deles incluíram ao redor de um quarto do total dos membros dos sindicatos ingleses). A classe operária transformou-se numa força social incontornável, de um modo sem precedente. A política nas metrópoles capitalistas mudaria de modo definitivo devido a esse fato.

Foi no auge do imperialismo inglês que surgiu, na Inglaterra antes que na Europa continental, o primeiro movimento político socialista reformista, isto é, que renunciava à via revolucionária para se opor à exploração capitalista. A *Rabian Society*, baseada no nome do cônsul reformador da antiga Roma (Quinto Fábio Máximo, chamado "o contemporizador"), foi fundada em Londres em 1884, por um grupo de intelectuais entre os que se destacavam o literato George Bernard Shaw e o casal Sidney e Beatrice Webb. O gradualismo reformista dos "fabianos" se contrapunha explicitamente ao socialismo revolucionário marxista. Os fabianos se engajaram em numerosas lutas pela melhora material e moral da classe operária. Mas fizeram isto chegando a apoiar, declaradamente, a política imperialista da Inglaterra, que era, supostamente, benéfica para a economia inglesa no

seu conjunto e, portanto, também para as camadas populares. Junto com as *frade-unions* (sindicatos), a Fabian Society foi um ponto de apoio para a criação do *Labour Party* (Partido Trabalhista) em 1906.

O imperialismo especificamente capitalista resultou de uma crise e uma depressão de dimensões inéditas, que marcou um ponto de virada na história do capitalismo, cujas consequências seriam a emergência do imperialismo, o redimensionamento do mapa industrial e econômico do mundo, a consequente redistribuição do poder político e militar, e a redefinição do sistema monetário internacional no quadro do surgimento do capital financeiro como figura dominante do capital. Todo o sistema econômico mundial testemunhou a marcha acelerada para um período de tensões sem precedentes. A vantagem comparativa na sua construção de indústrias novas (aço, química, energia e máquinas elétricas) passou da Inglaterra para os EUA e a Alemanha, que poderiam agora desfrutar de uma economia externa, já usada pela Inglaterra no século XIX, e de uma enorme ampliação do mercado interno. Os elementos decisivos foram a unificação alemã e o grande crescimento da sua população, e a emigração em massa da Europa para os EUA.

A Inglaterra não pôde, no período de auge econômico de 1890-1914, responder ao desafio da chamada "segunda revolução industrial": sua indústria ficou ligada aos produtos velhos, não aos novos. No

mesmo período, o sistema financeiro se desenvolveu de modo semelhante ao industrial e comercial. Inglaterra perdeu importância em relação ao período 1870-90, em que Londres dominava absolutamente os mercados financeiros: Paris havia desaparecido, e Berlim não era ainda candidata a centro financeiro internacional. Nova York, capital financeira dos países devedores, estava ainda pouco desenvolvida nesse sentido. Nos 20 anos seguintes, ao contrário, grandes instituições se desenvolveram em todos os grandes países europeus e nos EUA. O sistema-ouro se estendeu a todas as nações. Nesses anos, assistimos à transformação de um sistema monetário internacional baseado na certeza da paz, em outro que exprime a espera da explosão de uma guerra de dimensões mundiais.

A Grande Depressão só era compreensível situada na dinâmica histórica de conjunto, não como um fenômeno aleatório. Para Trotsky,

a curva do progresso econômico põe em evidência dois tipos de movimento: um, fundamental, que expressa a elevação geral; outro, secundário, que corresponde às flutuações periódicas constantes, relativas aos dezasseis ciclos de um período de 138 anos. Nesse tempo, o capitalismo viveu aspirando e expirando de maneira diferente, de acordo com as épocas. Desde o ponto de vista do movimento de base, quer dizer, desde o ponto de vista do progresso e decadência do capitalismo, a época de 138 anos pode dividir-se em cinco períodos: de

1783 a 1815, o capitalismo se desenvolve lentamente, a curva sobe penosamente; depois da revolução de 1848, que amplia os limites do mercado europeu, assistimos a uma volta muito brusca. Entre 1851 e 1873, a curva sobe de repente. Em 1873, as forças produtivas desenvolvíveis chocam-se com os limites do mercado. Produz-se um pânico financeiro. Em seguida, começa um período de depressão que se prolonga até 1894. As flutuações cíclicas têm lugar durante esse tempo; porém a curva básica cai aproximadamente no mesmo nível. A partir de 1894, começa uma época nova de prosperidade capitalista, e até a guerra, a curva vai subindo com vertiginosa rapidez. No fim, o fracasso da economia capitalista no curso do quinto período tem efeito a partir de 1914.

Debates teóricos

Na ausência de uma teoria marxista geral sobre a época, que não faltava a autores liberais como Hobson, coube a Rudolf Hilferding formulá-la no seu *Capital Financeiro*, de 1910, onde se analisou de modo pioneiro a nova figura do capital, resultante da fusão entre o capital bancário e o capital industrial. No que diz respeito à crise, Hilferding sustentou que, se se produzisse nas proporções corretas, a produção poderia se ampliar infinitamente sem conduzir à sobreprodução de mercadorias. As crises não poderiam ser explicadas pelo consumo

escasso. Hilferding atribuiu muita importância tanto aos movimentos acumulativos como aos efeitos dos desequilíbrios parciais das diferentes trocas de preços, dos momentos de atraso e dos fatores institucionais. Observou, por exemplo, o efeito de aumentos irregulares da oferta, os quais deviam ser atribuídos a longos prazos de maturação dos investimentos, e que multiplicavam, por sua vez, o perigo de investimentos exagerados quanto mais o desequilíbrio entre oferta e demanda durasse. Já havia, na obra de Marx (nas *Teorias sobre a Mais-Valia*) fragmentos claros que vinculavam a sobreprodução ao consumo ("A sobreprodução deriva precisamente do fato, que a média da população não pode consumir mais que a quantidade média dos meios de subsistência; que o seu consumo não cresce proporcionalmente à produtividade do trabalho"). A procura de um "equilíbrio dinâmico" do capitalismo a partir dos esquemas de reprodução de Marx não se justificava teoricamente, no entanto, a partir dele.

A grande depressão recolocou a questão do estatuto teórico da crise na teoria econômica. Para Fritz Sternberg,

no capitalismo, o problema da reprodução em escala ampliada não pode se separar do fenômeno da crise. É evidente que a crise faz sua aparição como consequência da reprodução ampliada. Quando tem lugar a reprodução simples — como ocorreu durante séculos em estamentos econômicos pré-capitalistas (tanto no Egito como na

Índia, na China como na Europa e na Idade Média) — quer dizer, quando o plustrabalho é absorvido pelo consumo pessoal da classe dos senhores, a crise, que é específica do capitalismo, resulta impossível. Quando se produzem desequilíbrios no processo económico, estes se originavam em fatores extra económicos.

No entanto, no meio do auge económico produzido pela consolidação do imperialismo, M. I. Tugan Baranowsky sustentou que (1) O sistema capitalista não enfrentava problemas de realização e que, portanto, podia reproduzir-se de maneira ampliada de modo indefinido (2). Posto que não existiam problemas de realização, as crises e os desequilíbrios deviam ser interpretados como simples "desproporções" (3) se o sistema se desenvolvesse, deviam ser consideradas falsas as outras teorias da crise que Tugan acreditava reconhecer na obra de Marx, a saber, a teoria da baixa tendencial da taxa de lucro e a teoria do subconsumo. Embora muito criticado, Tugan teve uma influência decisiva em toda uma geração de economistas marxistas, ao deduzir o equilíbrio tendencial do capitalismo da modificação dos esquemas de reprodução ampliada de Marx. A posição de Tugan encontraria partidários inclusive muitos anos mais tarde.

Para Otto Bauer, só a anarquia da produção (a ausência de plano) seria responsável pelas crises. Em

Kapitalismus und Sozialismus nach dem Weltkrieg (de 1931) colocou:

Nenhum aperfeiçoamento das investigações sobre a conjuntura, das análises de mercado, da planificação no quadro de cada fábrica, pode estancar semelhante fonte, de onde emana uma enorme quantidade de elementos antieconómicos; pelo menos enquanto a própria sociedade não dirigir seus aparelhos produtivos, e não regular sua renovação e ampliação com base num plano social, uniformemente repartido por cada ano e proporcionalmente redistribuído por cada um dos ramos da produção.

Anos mais tarde (1936), em *Zwischen zwei Weltkriegen?*, vincularia a queda da taxa de lucro à taxa de mais-valia:

Quando a taxa de mais-valia já não aumenta, ou não aumenta o suficientemente rápido como para compensar o aumento da composição orgânica do capital, começa a descender a taxa de lucro social. Tão logo os capitalistas descobrem que a taxa de lucro desce, que os dividendos das sociedades por ações começam a baixar, se apresenta o desastre financeiro. A crise é verificada apenas quando começa a descer a taxa de lucro, tão logo ela tem que descer devido a que o aumento da composição orgânica do capital não pode ser já compensado pelo aumento de mais-valia.

Para a economista polonesa Natalie Moszkowska

mais radical nesse ponto de vista, em *Das Marzsh System* (de 1929) a queda tendencial da taxa de lucro simplesmente não existia. Mas, independentemente de citações isoladas, a estrutura interna da argumentação de Marx sobre as crises refere-se à queda da taxa de lucro, por sua vez decorrente das contradições da reprodução do capital. O máximo que seria possível dizer, neste plano, é que a economia capitalista está em equilíbrio quando a produção de bens de produção suscita uma demanda de bens de consumo igual à demanda de bens de produção, suscitada pela produção de bens de consumo, o que tem valor puramente lógico.

Nos artigos de *Die Neue Zeit* de 1901-1902, Karl Kautsky máximo ideólogo da Internacional Socialista depois da morte de Engels, atacou as teorias de Tugan-Baranovsky, sem atacar, porém, a "teoria da desproporcionalidade" (como causa fundamental das crises) desse autor,⁸ assinalando que

8 A desproporcionalidade é consubstancial a todo sistema econômico (inclusive a um imaginariamente socialista), pois não existe possibilidade de transmissio instantânea das respostas da demanda efetiva (mercantil ou não) e, mesmo que existisse, não existiria a possibilidade da realocação instantânea dos fatores de produção. Em regime capitalista, isto se agrava, porque os investimentos são realizados por cada capitalista individual, de acordo com seus interesses particulares e mais imediatos,

toda produção tem por objetivo final a produção de bens de consumo. O equilíbrio, em si, careceria de significado prático, pois

os capitalistas, e os trabalhadores que eles exploram, proporemam, com o crescimento da riqueza dos primeiros e do número dos segundos, o que constitui certamente um mercado para os meios de consumo produzidos pela indústria capitalista; o mercado cresce,

apostando no ramo de produção que mais lhe assegure um retorno positivo, ou seja, uma mais elevada taxa de lucro. Investem sem que, para tanto, uma demanda efetiva seja assegurada para as mercadorias produzidas. Se a venda das mercadorias pelo seu valor não se verifica, ou apenas o faz em parte, os capitalistas não poderão recomegar imediatamente o processo de produção em escala ampliada. A reprodução do capital é momentaneamente interrompida, possibilitando a erupção da crise. Para que a produção ampliada se efetue sem interrupção, é preciso que sejam constantemente reproduzidas certas condições de equilíbrio; é preciso que a oferta e a demanda recíproca de mercadorias sejam iguais entre os dois setores da produção capitalista (bens de consumo e bens de produção). Esta condição de equilíbrio, contudo, jamais se verifica na prática, exatamente por esbarrar na contradição acima apontada: o caráter da produção é social, porém as decisões de investir são tomadas individualmente, sem que haja coordenação ou planejamento central entre a produção e a demanda efetiva. Isto agrava um problema que, em maior ou menor medida, existiu nos sistemas de produção do passado e existirá naqueles do futuro.

potém, menos rapidamente do que a acumulação de capital e o aumento da produtividade do trabalho. A indústria capitalista deve, portanto, procurar um mercado adicional fora de seu domínio nas nações não-capitalistas e nas camadas da população em situação idêntica. Encontra tal mercado e se expande cada vez mais, porém não com a necessária velocidade... Dessa forma, cada período de prosperidade, que se segue a uma significativa ampliação do mercado, está destinado a uma vida breve, e a crise se torna seu fim necessário.

Chegaria, então, uma época em que

a superprodução seria crônica para todas as nações industriais. Mesmo então, os altos e baixos da vida econômica são possíveis e proveitosos; uma série de revoluções técnicas, que desvalorizam a massa dos meios de produção existentes exigem a criação em larga escala de novos meios de produção, a descoberta de novos campos auríferos ricos, etc., podem mesmo então, durante certo tempo, estimular o ritmo dos negócios. Mas a produção capitalista exige uma expansão ininterrupta, rápida, para que o desemprego e a pobreza dos operários, de um lado, e a insegurança do pequeno capitalista, de outro, não atinjam a uma tensão extrema. A existência continuada da produção capitalista perdura mesmo nesse estado de depressão crônica, mas se torna completamente intolerável para

a massa da população; esta é forçada a procurar uma saída da miséria geral, e só pode encontrá-la no socialismo.

Esboçada esta teoria de uma "depressão crônica" como futuro do capital, Kautsky não foi muito além, o que justificou o comentário de Paul Sweezy:

Kautsky foi pouco além da repetição dos conceitos de Marx sobre a dependência geral em que a produção está do mercado para os bens de consumo.

Darwinismo social e racismo: o fardo branco do Homem

A maior parte da população dos países imperialistas acreditava que a dominação colonial era justa e até benéfica à humanidade, em nome de uma ideologia do progresso etnocêntrica, baseada na ideia de que existiam povos — európeus — superiores a outros; o racismo e o darwinismo social interpretavam a teoria da evolução à sua maneira, afirmando a hegemonia de alguns pela seleção natural. Essa foi a ideologia central da época.

Os "darwinistas sociais" eram a variante mais resoluta daqueles que, com Herbert Spencer, cabeças transpunham para a sociedade as (supostas) leis da evolução biológica. Presumiam que a sociedade estava condenada à luta eterna pela "sobrevivência dos mais fortes". Segundo Arno Mayer em A Força da Tradição,

"com o renascimento do estatismo, a ênfase da fórmula sincrética social-darwinista se deslocou da santificação da competição desregrada da economia e da política do *laissez-faire* para a justificação das lutas disciplinadas do imperialismo social, tanto a nível interno como externo. No final do século XIX, a luta organizada pela sobrevivência entre as nações eclipsou os conflitos desordenados no interior da sociedade. Essa transposição da disputa permanente da esfera nacional para a internacional coincidiu com uma grande transformação na concepção de mundo das classes dominantes e governantes: de um tradicionalismo confiante e flexível para um conservadorismo, pessimista e rígido.

As antigas elites estavam preparadas para empregar a supremacia na política exterior para reforçar suas posições internas. Apoiadas pela casta guerreira poderosa, até, se declarar especialmente qualificadas para dirigir a guerra de todos contra todos na arena mundial, onde a vitória militar constituiria a supremacia de apidão. A segunda metade do século XIX foi rica em lições para as poucas grandes potências determinadas a lutar pela supremacia, mais do que pela mera sobrevivência. A conquista das Alemanha pela Prússia, a ascensão do Piemonte na Itália e o triunfo do norte na Guerra Civil americana haviam validado recentemente a lei dos fortes. Por sua vez, a derrota da França em 1870, a rendição da Espanha

em 1898 e os malogros da Inglaterra na Guerra dos Bóeres mostraram as consequências da fragilidade e decadência nacionais. Os conflitos sociais, outrora glorificados como fonte e sinal de vigor, agora eram acusados de roubar a força exterior da nação.

9 Certamente, não faltou ao darwinismo social uma expressão filosófica mais sofisticada, como já tinha acontecido com o *laissez-faire*. Segundo Mayer: "O darwinismo social justificou mais do que provocou o realinhamento europeu quanto a perspectivas e políticas. Proporcionou um apoio pseudocientífico para as antigas classes dominantes e governantes que vinham se reafirmando. O darwinismo social se adequava à sua mentalidade elitista, onde a ideia de desigualdade estava profundamente enraizada. Em sua concepção, homens eram desiguais por natureza, e o mesmo ocorria quanto à estrutura da sociedade, para sempre destinada a ser dirigida pela minoria dos mais aptos a governá-la. O darwinismo social e o elitismo brotaram de um único e mesmo solo. Ambos desfaviam e criticavam o Iluminismo do século XIX, e mais particularmente as pressões pela democratização social e política. O termo *elite*, carregado de valores, só se definiu como tal de forma plena no final do século XIX, e recebeu sua mais ampla e corrente aceitação em sociedades ainda dominadas pelo elemento feudal. Mas, por toda a Europa, as teorias da elite espelhavam e racionalizavam práticas predominantes correntes, ao mesmo tempo em que serviam como arma na batalha contra o nivelamento político, social e cultural. Nietzsche foi o menor-fiel-mor dessa batalha Não obstante as contradições e elipses propositalmente provocadoras de seus textos, seu pensamento era coerente e consistentemente antiliberal, antidemocrático e antissocialista. Nietzsche era

As bases reais do imperialismo, no entanto, residiam, como dizia Hobson, no "excesso de capital em busca de investimento" e nos "recorrentes estrangulamentos do mercado". O imperialismo europeu transformara a Europa em uma área dominada por

um pequeno grupo de aristocratas ricos, que tiram suas rendas e dividendos do Extremo Oriente, junto com um grupo um pouco mais numeroso de funcionários e comerciantes, e um grupo maior ainda de criados, trabalhadores de transportes e operários das indústrias manufatureiras. Desaparecem então os mais importantes ramos industriais, e os alimentos e semi-elaborados chegam como tributo da Ásia e África.

Hobson considerava que uma perspectiva de "federação europeia", neste caso,

não apenas não faria avançar a obra da civilização mundial, como apresentaria o gravíssimo risco de

um social darwinista inveterado, e do tipo pessimista e brutal. Para ele, o mundo era um lugar de luta permanente, não só pela mera existência ou sobrevivência, mas também pela dominação, exploração e subjugação criativas". No início do século XX, Leon Trotsky foi o primeiro marxista a criticar, de modo sintético e com frasecor e ironia sarcásticas, as teorias elitistas nietzschianas, cujo sucesso, no mundo intelectual, Trotsky qualificou de passageiro.

um parasitismo ocidental, sob o controle de uma nova aristocracia financeira.

Do liberal Hobson ao marxista Lenin (passando por diversos outros autores) foi enfatizada a base econômica (capitalista) do imperialismo finissecular. A relação entre a Bolsa (as companhias capitalistas), a partilha colonial, e o desenvolvimento do capital financeiro, foi o eixo da interpretação objetiva do novo imperialismo. Os aspectos políticos (nacionalistas) e ideológicos (fascistas ou etnocêntricos) eram considerados consequência, e não causa, do fenômeno.¹⁰

Os números da colonização, vistos nos quadros e tabelas precedentes, não cabalmente expressam sua realidade espartosa, em especial no (racistamente) chamado "continente negro". A catástrofe africana já começara no Antigo Sistema Colonial, com a conquista

10 As consequências bélicas do imperialismo levariam o racismo (forma extrema do darwinismo social) à sua conclusão lógica em termos históricos: o genocídio. Armentios e judeus, na Eurásia, foram as vítimas de uma tendência mundial que, mais silenciosa, vicejou na África dos holocaustos coloniais estudados por Mike Davis, no livro de mesmo nome. Em A Era dos Extremos, Eric Hobsbawm tentou explicar o aumento da dimensão dos massacres no século XX a partir da disseminação de uma cultura da violência e do desprezo pela vida dos outros, que teria sido gerada pela Primeira Guerra Mundial, a qual teria acostumado a população europeia a ser indiferente às carnificinas sistemáticas.

da cidade de Ceuta, no norte da África, em 1415, estendendo-se em seguida, pela costa africana, e transformando a sua população negra, nos séculos posteriores, na principal *commodity* da economia mundial. A população da África "negra" era, no final do século XIX, de três a quatro vezes menor do que no século XVI. A conquista colonial capitalista (com uso de artilharia contra, no máximo, fuzis dos povos coloniais), o trabalho forçado multiforme e generalizado, a repressão das numerosas revoltas por meio do ferro e do fogo, a subalimentação, as diversas doenças locais, as doenças importadas e a continuação do tráfico negroiro oriental, reduziram ainda mais a população que baixou para quase um terço.

A história colonial de Leopoldo II, rei da Bélgica (1835-1909), no Congo, expõe um dos genocídios mais sangrentos da era contemporânea. Na Europa, Leopoldo distinguia sua "obra" de uma auréola de altruísmo, defesa do livre comércio e luta contra o comércio de escravos, mas, na África, apropriava os povos locais de todas suas terras e recursos, com seu exército privado, que submetia à população trabalhos forçados. A crueldade repressiva incluía assassinatos, violações, corte de partes do corpo e decapitações. 10 milhões de congolenses, estimadamente, perderam a vida entre 1885 (ano do reconhecimento internacional do "Livre Estado do Congo" [sic]) até 1908 (alguns autores elevam a cifra até 20 milhões). Leopoldo morreu em 1909, durante seu reinado a população

do Congo se reduziu, estimadamente, em dois terços (de 30 para nove milhões de habitantes).

A devastação da população do mundo colonial e semicolonial combinou a violência direta e a "indireta" (a dizimação populacional como resultado da marginalização social), o que levou Mike Davis a se perguntar pela razão de que, no século em que a fome desaparecera para sempre da Europa ocidental, ela "aumentou de forma tão devastadora em grande parte do mundo colonial? Do mesmo modo, como pesarmos as presunções afirmações sobre os benefícios vitais do transporte a vapor e dos modernos mercados de grãos, quando tantos milhões, sobretudo na Índia britânica, morreram ao lado dos trilhos das ferrovias ou nos degraus dos depósitos de grãos? E como explicarmos, no caso da China, o drástico declínio na capacidade do Estado de proporcionar assistência social popular, em especial no socorro à fome, que pareceu seguir a passo travado a forçada "abertura" do império para a modernidade pela Grã-Bretanha e as outras potências... Não estamos tratando de "terras de fome" paradas nas águas estagnadas da história mundial, mas do destino da humanidade tropical no exato momento (1870-1914) em que sua mão-de-obra e seus produtos eram dinamicamente recrutados para uma economia mundial centralizada em Londres. Milhões morreram, não fora do "sistema mundial moderno", mas exatamente no processo de violência incorporação nas estruturas econômicas e políticas desse sistema.

Morreram na idade de ouro do capitalismo liberal; na verdade, muitos foram assassinados, pela aplicação teológica dos princípios sagrados de Smith, Bentham e Mill. Mas o único historiador do século XX que parece ter claramente compreendido que as grandes fomes vitorianas (pelo menos, no caso indiano) eram capítulos integrais na história da modernidade capitalista foi Karl Polanyi, em seu livro de 1944, *The Great Transformation*. "A verdadeira origem das fomes nos últimos cinquenta anos", escreveu, "foi a livre comercialização de grãos, combinada com a falta de rendimentos locais".

A fúria da conquista colonial, que teve em considerações racistas de "superioridade civilizacional" seu principal alcece ideológico (até setores da Internacional Socialista, confinada basicamente à Europa, admitiam a expansão colonial em nome da "obra civilizadora" de seus países, e se definiam, como o alemão, Edward David, "socialimperialistas") produziu vítimas em número maior aos holocaustos europeus do século XX, e fez também nascerem movimentos de resistência, que, finalmente, incorporaram os povos coloniais à luta política mundial contemporânea.¹¹ Segundo o já citado Davis:

11 No fundo, a isso se restringiu a progressividade do colonialismo capitalista contemporâneo.

Cada seca global foi o sinal verde para uma corrida imperialista pela terra. Se a seca sul-africana de 1877, por exemplo, foi a oportunidade de Carnarvon para atacar a independência zulu, a fome etlope de 1889-91 foi o aval de Crispi para construir um novo Império Romano no Chifre da África. Também a Alemanha guilhermina explorou as inundações e a seca que devastaram Shandong no final da década de 1890 para expandir agressivamente sua esfera de influência no norte da China, enquanto os Estados Unidos, ao mesmo tempo, usaram a fome e a doença causadas pela seca como armas para esmagar a República das Filipinas de Aguinaldo. Mas as populações agrícolas de Ásia, África e América do Sul não entraram tranquilamente na nova Ordem Imperial. As fomes são guerras pelo direito de existência. Embora a resistência à fome na década de 1870 (à parte o sul da África) fosse esmagadoramente local e turbulenta, com poucos casos de organização insurrecional mais ambiciosa, sem a menor dúvida teve muito a ver com as recentes lembranças do terror de estado da repressão do Motim Indiano e da Revolução de Taiping. A década de 1890 foi uma história inteiramente diferente, e os historiadores modernos têm estabelecido com muita clareza a contribuição da seca/fome na Rebelião dos Boxers, no movimento coreano de Tonghak, na sublevação do Extremismo Indiano e na Guerra de Canudos brasileira, além de inúmeras revoltas no leste e no sul da África. Os movimentos milenaristas que varreram o futuro "terceito mundo"

em fins do século XIX extrairam grande parte de sua fecundidade e escatológica da agudeza dessas crises de subsistência e ambientais.

Na "era do imperialismo", no entanto, não houve convergência entre a resistência dos povos coloniais e a luta do proletariado metropolitano. A maioria da classe operária das metrópoles achava que poderia tirar vantagem da conquista colonial (e, de fato, tirava-as, pelo menos suas camadas mais bem posicionadas, que foram denominadas de "aristocracia operária"). O exemplo dos exilados franceses da Comuna de Paris, confinados pelas autoridades na Nova Caledônia, e que ali se opuseram à luta do povo local pela sua independência, é talvez o exemplo mais acabado de um drama histórico que só começaria a ser superado no século XX, com a vitória da Revolução de Outubro, e o chamado da Internacional Comunista à unificação da luta dos povos coloniais com a luta de classe dos operários das metrópoles imperialistas.¹²

Impérios em colisão

⁵⁻¹⁻¹⁹⁴⁵ Hobson também se referiu ao novo imperialismo japonês. Em incícios do século XX já era clara a percepção do fato de que o crescimento da potência

12 Fato que, por si só, já justificaria historicamente a existência da Internacional Comunista, qualquer que fosse seu destino ulterior.

imperialista do Japão ia incidir profundamente no curso da história, com suas próprias características específicas e muito além das convencionais considerações militaristas ou ideológicas:

Este novo capítulo da história mundial muito depende da capacidade japonesa de manter sua própria independência financeira. Superada uma primeira fase de dependência, a grande potência industrial do Extremo Oriente pode rapidamente lançar-se sobre o mercado mundial como o maior e mais válido competidor na grande indústria mecânica, conquistando primeiro o mercado asiático e o Pacífico e logo invadindo os mercados ocidentais - empurrando assim estas nações a um protecionismo mais rígido.

Mas a principal consequência do imperialismo foi acirrar as disputas entre as potências europeias.

Até 1870, a única potência realmente mundial fora a Inglaterra que possuía um império que começou a ser erguido no século XVII, com uma marinha cada vez mais eficiente, e uma política econômica liberal a partir de meados do século XVIII. A condição histórica que diferenciava o país era que a burguesia havia feito uma revolução vitoriosa, que lhe permitiu criar condições institucionais favoráveis. Depois das revoluções do século XVII, a Inglaterra consolidou-se como um império colonial. A sua localização, na parte ocidental da Europa, facilitava seu acesso

as principais rotas de comércio internacional, e permitia conquistar mercados ultramarinos. Através da guerra dos sete anos (1756-1763) tornou colônias francesas na América, Ásia e África; assinou tratados vantajosos com Portugal (Methuen, 1703) e com a Espanha (Utrecht, 1713). Pode então contar com um mercado externo em crescimento, depois das independências dos países latino-americanos, e da abolição da escravidão no século XIX, além da sua penetração na Índia e na China. A Europa oriental era um mercado consumidor de produtos ingleses.¹³

13 Até meados do século XIX, o mundo tinha, na Grã-Bretanha, sua única oficina mecânica, seu único importador e exportador em grande escala, seu único transportador, seu único país imperialista e seu único grande investidor estrangeiro; sua única potência naval e o único país que possuía uma política mundial. A moderna economia mundial foi edificada em torno dela. A burguesia industrial foi impondo suas reivindicações econômicas contra a velha aristocracia, na forma do liberalismo econômico: a polémica envolvendo as elites agrárias e industrial terminou com a aprovação, em 1846, pelo Parlamento, de leis que eliminavam o protecionismo econômico e instituíam o livre-comércio, levando à vitória do capitalismo. O impacto do colonialismo inglês foi diferenciado: criou um novo país (os EUA), mudou completamente outros (a Índia e os países africanos), mudou bastante a América Latina, quase não mudou a China, além de um impacto econômico limitado. A cultura, os hábitos e esportes ingleses (futebol, rugby,

No último quartel do século XIX, tornou-se comum a ideia de que cada país devia transformar-se em uma potência mundial, vinculada com o prestígio da nação, o equilíbrio político europeu, e a influência que a nação podia e devia exercer no mundo. Desde 1870, quando Itália e Alemanha concluíram sua unificação nacional, a concorrência internacional e as relações entre os países se tornaram mais complexas. Surgiram grandes blocos de poder. Os Estados, levados a uma concorrência política crescente com os vizinhos, estabeleceram alianças para evitar o isolamento. A primeira aliança internacional foi a austro-alemã de 1879, que se transformou em Tríplice Aliança em 1882, com o ingresso da Itália. A França, isolada, buscou seus próprios aliados: primeiro a Rússia, com a qual firmou uma aliança em 1894, e em seguida, em 1904, a Grã-Bretanha. Finalmente o acordo anglo-russo de 1907 fez surgir a Entente Cordiale. Os blocos beligerantes da I Guerra Mundial estavam já formados. A formação de um império colonial por parte de um país foi vista como instrumento de força e prestígio que podia romper o equilíbrio entre as potências. Um exemplo disto foi a disputa pelo Egito entre Grã-Bretanha e França.

As potências chegaram tardiamente na corrida colonial enfatizaram política e ideologicamente, a ideia de sua superioridade nacional. Em 1894 criou-se a Liga (arque) inovaram o mundo (o football e o beisebol americanos são variantes dos dois últimos).

Pan-Germânica (All-Deutscher Verband). Conseguiu por reivindicar os territórios em que se falava alemão, ou uma diáleta germânica: teoria da Muttersprache (língua materna) e, depois, dos territórios que no passado tinham sido "alemães" (teoria da "Grande Alemanha"), mas já se manifestava também a teoria do peço eleito: "Somos o povo mais capaz em todos os domínios do saber e das belas artes. Somos os melhores colonos, os melhores marinheiros, e mesmo os melhores comerciantes; e, todavia, não conseguimos alcançar a nossa parcela na herança do mundo, porque não queremos aprender a ir buscar à história as lições salutares. Que o Império Alemão seja, não o fim, mas o início da nosso desenvolvimento nacional", escrevia Fritz Sely, em Die Weltstellung des Deutschen (A Situação Mundial do Poder Alemão) de 1897.

A alteração sofrida pelo conceito de Estado conciliador, baseado no ideário liberal, acompanhou o fim do capitalismo da livre concorrência. No capitalismo monopolista a ideologia prevalente passou a ser a que assegurava à própria nação o domínio internacional. A expansão do capital era justificada ideologicamente pelo desvio conceitual da ideia de nação, onde uma potência sobrepunha outras por considerar-se "eleita" entre as demais. Embutida nesta afirmação, e acompanhando o próprio desvio conceitual, surgiu a noção de realidade natural, fundamentada na afirmação "científica" da

superioridade racial. A "nação" imperialista pavimentava o caminho do Estado racista. Do qual o nazismo chegou a ser o exemplo acabado), ou, como disse Trotsky,

para elevar à nação por cima da história, deu-se-lhe o apoio da raça. A história passou a ser considerada como uma emanção da raça. E as qualidades da raça são construídas de modo independente das condições sociais.

Os conflitos interimperialistas não pouparam as potências coloniais dominantes. A principal rivalidade anglo-francesa ocorreu na Indochina. Os ingleses, procurando garantir seu império indiano, avançaram para o leste (Birmânia), e na Malásia para o norte. Os franceses, tentando chegar à China, ocuparam sucessivamente o Camboja, a Cochinchina, o Anã, o Tonquin e o Laos; à medida que se instalavam, seus interesses fixaram-se na exploração dos recursos naturais: minerais, carvão, seda, arroz, etc. Os rivais defrontaram-se no Sião (Tailândia), sendo a disputa resolvida pelos acordos de 1896 e 1907 que estabeleceram áreas de influência na região.

Atividade anglo-russa, por sua vez, tinha sido uma constante na questão relativa ao Império Otomano. Essa rivalidade se refletiu na Ásia devido à decisão russa de expandir-se na Ásia Central (Turquestão) na década de 1880, aproximando-se assim das fronteiras da Índia, principal colônia inglesa. Em reação, Inglaterra impôs um quase protetorado ao Afeganistão, que se constituiu

assim num Estado-tampão entre as duas potências. A tensão levou à iminência de uma guerra anglo-russa, provisoriamente sufocada.

A rivalidade russo-japonesa pela supremacia na bacia do Pacífico eclodiu na guerra russo-japonesa de 1905, vencida pelo Japão. A guerra concluiu com o Tratado de Portsmouth (em New Hampshire, nos EUA), a 5 de agosto de 1905. Os EUA estavam inquietos com os progressos do império japonês no Pacífico, que banhava toda sua costa ocidental. Os EUA inauguraram, com a mediação do presidente Theodore Roosevelt, sua ascensão como potência com aspirações mundiais. Com sua intervenção na guerra hispano-americana (1898) e na ocupação das Filipinas, na repressão à revolta boxer na China (1902), e sua arbitragem no conflito russo-japonês, desenhavam-se as bases do imperialismo norte-americano. A vitória sobre a Rússia permitiu ao Japão, por sua vez, ascender à categoria de potência mundial: o seu governo investiu na indústria militar; o imperialismo japonês se desenvolveu ainda mais.

Na Europa, contra Alemanha, França agitava a questão da Alsácia-Lorena para preparar sua opinião pública para uma guerra (no fundo, uma disputa franco-germânica pelo Norte da África). A Inglaterra, principal potência colonial, pretendia manter o *status quo*, aparecendo como defensor da paz (britânica). A Rússia advogava a questão nacional, de olho no iminente desmembramento

do obsoleto Império Otomano. Itália potência menor, reivindicava territórios do decadente império (austriaco) dos Habsburgo, e alguns despojos do próprio Império Otomano (a Entente lhe ofereceu o Trentino, Trieste e a Valônia). A perspectiva de uma guerra europeia (que, pela extensão dos interesses coloniais das potências, seria mundial) era já visível em finais do século XIX, sendo denunciada em março de 1897 no parlamento francês pelo deputado republicano-socialista Jean Jaurès. "Por toda parte os orçamentos da guerra expandem-se e crescem de ano para ano; e a guerra, por todos amaldiçoada, por todos temida, por todos condenada, pode rebentar sobre todos de um momento para o outro". Embora potente, a voz de Jaurès era quase isolada.¹⁴ O período que foi do final do século XIX à Grande Guerra ficou conhecido como a *belle époque*, uma espécie de *fuite en avant*, diante das perspectivas sombrias que se desenhavam no horizonte histórico.

A tendência para a guerra mundial não era, portanto, mais aleatória do que a própria crise económica. A contradição entre o desenvolvimento mundial das forças produtivas capitalistas e o estreito marco dos Estados nacionais era a forma em que a crise capitalista assumia dimensões mundiais. Ela não dizia respeito apenas aos "pequenos Estados"

¹⁴ O pacifismo inglês era a defesa do *status quo ante*, e era puramente verbal (pois a Inglaterra, tanto quanto as outras potências europeias, armava-se).

(Kleinstaterei), mas, sobretudo, aos grandes: a guerra "europeia" seria, por isso, a primeira guerra mundial. A tendência básica da crise do capital (a sobreprodução de mercadorias e capitais) tendia a ser contrabalançada pela exportação de capitais: com o entrelaçamento crescente entre monopólios e Estado, a concorrência capitalista, no plano mundial, se transformava numa concorrência entre Estados e na sua decorrência lógica, a guerra. Esta, porém, não era inevitável: exigia uma série de condições políticas internas em cada país que, de modo diverso, estavam preenchidas em 1914 nos principais países beligerantes.¹⁵

Quando a guerra de fato explodiu, não era, portanto, sobre terreno virgem que Lênin andava para afirmar:

A guerra europeia, preparada durante dezenas de anos pelos governos e partidos burgueses de todos os países, rebentou. O crescimento dos armamentos; a exacerbação da luta pelos mercados, no actual estágio imperialista de desenvolvimento dos países capitalistas avançados, os interesses dinásticos das

15 Uma delas, decisiva, seria a capitulação política dos poderosos partidos operários e socialistas diante da pressão belicista dos governos europeus, o que aconteceu definitivamente - (com excepções nacionais importantes) em agosto de 1914, quando aconteceu a falência histórica da Internacional Socialista.

monarquias mais atrasadas - as da Europa Oriental - tinham de, inevitavelmente, conduzir à guerra, e conduziram. Apoderar-se de territórios, e subjugar nações estrangeiras, arruinar a nação concorrente, pilhar as suas riquezas, desviar a atenção das massas laboriosas das crises políticas internas da Rússia, da Alemanha, da Inglaterra e de outros países, dividir e iludir os operários com a mentira nacionalista, dizimar a sua vanguarda para enfraquecer o movimento revolucionário do proletariado; tal é o único conteúdo real, o verdadeiro significado da guerra actual. A burguesia alemã encontra-se à cabeça de um dos grupos de nações beligerantes. Engana a classe operária e as massas laboriosas, garantindo que faz a guerra para defender a pátria, a liberdade e a cultura, para libertar os povos oprimidos pelo czarismo, para destruir o czarismo reaccionário.

(Oswald) ?

A Guerra Mundial só poderia ser entendida como revolta das forças produtivas sociais contra o quadro, tornado historicamente estreito, das relações capitalistas de produção e dos Estados nacionais, que abriu a era histórica da revolução socialista, em escala mundial.

Bem depois, ao lado dessa interpretação, e em concorrência com ela, desenvolveu-se uma literatura e uma historiografia, que enfatizaram as responsabilidades alemãs (ou francesas) na deflagração da guerra, deslocando a análise objetiva da estrutura histórica para a análise subjetiva dos motivos imediatos (reais ou imaginários) de seus protagonistas. Esse tipo

de interpretações, de carácter principalmente jurídico, foi a base para uma abundante história diplomática e militar, que não deixou de dar contribuições importantes sobre aspectos parciais, mas que não foi capaz de apresentar uma interpretação global, que vinculasse, em um todo coerente (estrutural), crise (depressão) económica, expansão colonial, exportação de capital, disputas geopolíticas, nacionalismo racista e guerra mundial, como fez a linha interpretativa inaugurada por Hobson e concluída criticamente por Lênin em O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo, entre 1902 e 1916, em que foram lançadas as bases de análise da etapa histórica dos monopólios imperialistas.

A guerra mundial iniciada em 1914 assinalou o fim da *Pax Britânica*, que dominou o mundo durante um século (1815-1914), e foi o berço do capitalismo contemporâneo, no qual, depois de duas tentativas fracassadas da Alemanha (imperial e nazista), os EUA ocupariam o lugar dominante no século XX, substituindo sua antiga potência colonizadora. Mas os próprios EUA seriam, na década de 1930, o centro de uma nova depressão mundial, de alcance e profundidade muito maiores do que a precedente.

